

EDUCAÇÃO FINANCEIRA

EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Desde que educação financeira virou lei, escolas públicas investem na formação de cidadãos conscientes de suas finanças

Ana Lúgia Dal Bello

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS

Educação financeira deveria ser prioridade em todos os estágios da vida, ainda assim, quase 50% da população brasileira corre risco de endividamento crônico ou descontrolado financeiro, conforme estudo publicado pelo IFSB (Índice de Saúde Financeira do Brasileiro), da Febraban (Federação Brasileira de Bancos).

Desde 2020, o tema é obrigatório nos currículos escolares do ensino básico, desde então, as escolas vêm se adequando às novas diretrizes da BNCC (Base Nacional Comum Curricular). Outra conquista é a expansão nacional do Aprender Valor, do Banco Central, destinado às escolas municipais e estaduais; no entanto, a adesão ao programa ainda é facultativa.

Para esta edição, a revista **Metrópole Magazine** entrevistou especialistas de instituições financeiras e conferiu projetos de escolas públicas que procuram educar seus públicos-alvo a gerir as próprias finanças com sabedoria.

Aprender Valor

A começar pelo âmbito nacional, mencionamos o programa do Banco Central do Brasil, implementado em caráter experimental em apenas seis estados brasileiros, em 2020. Um ano depois, a expansão nacional tem possibilitado às escolas municipais e estaduais inscritas acessar os recursos do Aprender Valor. Incluído no currículo, o programa dialoga com habilidades de Matemática, Língua Portuguesa e Ciências Humanas.

Educação para empreender

No âmbito municipal, em São José dos Campos, a prefeitura mantém o Cedemp (Centro de Educação Empreendedora), que promove ações educativas para desenvolver as competências dos estudantes das escolas municipais.

O tema educação empreendedora consta no currículo escolar e se manifesta pelos programas de empreendedorismo dirigidos aos alunos de quatro a 14 anos de idade, como o Empreende Startups Educacionais. Neste programa, o protagonismo e a troca de informações entre os estudantes é primordial.

O Cedemp tem outros exemplos de ações, como a Educação Empreendedora dos Sonhos, Jeep (Jovens Empreendedores Primeiros Passos) e Educação Financeira e Fiscal. Os três são mantidos em parceria com a Receita Federal desde 2004, data de criação do Cedemp.

Quase dez mil alunos dos sextos e sétimos anos da rede municipal de ensino são atingidos pelas atividades voltadas à educação fiscal, que incluem palestras, lives e exercícios interativos. Quem tiver curiosidade de conhecer, basta acessar o portal edusjc.



Acesse o QR Code e conheça o portal edusjc



Fotos: Divulgação

O tema não envolve só os alunos, não. Neste ano, o recém-lançado Família Educadora incluiu mil pais e responsáveis no programa de formação online sobre Educação Financeira, com material e apoio da equipe do Cedemp.

Por fim, mas não menos importante, está o programa televisivo Protagonize, realizado em parceria com a TV Câmara. A cada semana, os alunos apresentam assuntos ligados ao empreendedorismo e à educação financeira, sempre com linguagem descontraída e exemplos de cases de sucesso da região.

Conteúdo e realidade

No Estado de São Paulo, a educação financeira também está incluída no Currículo Paulista e os professores são incentivados a relacionar os conteúdos ao cotidiano e realidade dos estudantes. A proposta é que não se restrinja a um projeto específico, mas que faça parte de um plano a ser trabalhado em sala de aula sempre.

“Não dá para trabalhar educação financeira falando só de juros simples e compostos e deixar somente a cargo do professor de matemática. O tema também envolve questões históricas, culturais, comportamentais e várias disciplinas são interligadas, como História, Geografia e Português. O professor trabalha envolvendo a temática financeira nos aspectos cotidianos”, explica Rafael Dombrauskas, professor de matemática e coordenador estadual do Aprender Valor.

Por inúmeros motivos, há crianças e jovens que frequentam a escola com pouca ou nenhuma perspectiva do futuro. Sem pretensão de substituir essa lacuna no lugar das famílias, a educação estadual tem trabalhado com disciplinas voltadas ao projeto de vida, que mostram ao estudante que “há caminhos na vida, que eles podem tomar decisões. Quando eu era estudante, (...) ninguém falava o que poderia acontecer aos 30, 40 anos; o que a gente poderia ser dali 20 anos. Abordavam só as profissões tradicionais”, lembra o coordenador, em referência a estimular o aluno a pensar e planejar a longo prazo. Por falar em tradicional, a rede do estado oferece mais de 5 mil disciplinas eletivas que envolvem, direta ou indiretamente, a temática financeira, da educação básica ao terceiro ano do ensino médio.

Além disso, todos os funcionários das escolas estaduais, de professores a agen-

tes escolares, têm acesso a cursos de educação financeira, caso queiram se atualizar sobre o tema.

Questionado sobre a disseminação de informações nos lares, o professor observou que os alunos contam em casa o que aprendem. “(...) Existem atividades que promovem interação entre família e estudante, que podem ser aplicadas em casa e mudar atitudes comportamentais. (Os alunos) aprendem sobre decisão consciente, a ponderar se precisam mesmo comprar aquilo. Fazem reflexão e podem discutir em casa, então o assunto vai além dos muros da escola”, afirma.

Além do material próprio da rede paulista, com atividades práticas, as instituições públicas de ensino também contam com o Aprender Valor. Na RMVale, 34 escolas, de um total de 4 mil, se inscreveram no programa nacional. A campeã da região é Jacareí, com 21 escolas.



Rafael Dombrauskas



EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Analfabetismo financeiro

Será que ensinar alguém a poupar dinheiro já é o suficiente? A educação financeira visa conscientizar as pessoas sobre as decisões financeiras e as consequências delas no âmbito individual e coletivo, mas se não é aliada a outros aspectos, não é efetiva, como explica Eduardo Souza Trigueiro, analista de Educação Financeira do Instituto Sicoob.



Eduardo Souza Trigueiro

“Uma pessoa pode ser excelente no hábito de economizar e mesmo assim não saber a maneira adequada de utilizar com eficiência os recursos provenientes de tal hábito. Com isso, outros conceitos como hábitos de consumo, formação de poupança, definição de objetivos ou sonhos e até saber investir adequadamente tornam-se complementares e necessários”, argumenta Trigueiro.

Quando consideramos a cultura do país, “na qual, muitas vezes, percebe-se o tabu que é falar sobre dinheiro, podemos concluir que o perfil do brasileiro no quesito educação financeira está muito próximo do analfabetismo financeiro”, afirma o analista.

No entanto, ultimamente, vídeos sobre gestão financeira e investimentos têm pipocado nas redes sociais, apresentados por “especialistas” que aconselham sobre o que fazer com o próprio dinheiro. Apesar do charlatanismo presente

em parte desse conteúdo, sua popularidade mostra um desejo das pessoas de serem educadas financeiramente.

“Historicamente, o brasileiro nunca foi adepto do hábito. Mas, essa situação começa a mudar nos últimos anos, principalmente com o início da pandemia do Covid-19 e suas consequências para a economia. Nos últimos meses, já vimos estudos, como uma pesquisa da Associação Planejar, divulgada em meados de junho de 2021, que aponta para o crescimento do número de brasileiros que realizam o planejamento financeiro. Entre os objetivos mais comuns estão a quitação de dívidas, organização financeira, compras de bens e até realização de investimentos”.

Pelo visto, a pandemia parece ter alertado as pessoas sobre um aspecto importante da sobrevivência, para além dos cuidados com a saúde. “Importante salientar que é perceptível uma mudança de comportamento, no sentido de realização do planejamento financeiro, advindo com o período pandêmico, pois estudos anteriores e a própria situação financeira da maioria dos brasileiros demonstravam uma realidade bem diferente”.

Velho ou novo demais para aprender?

Como afirma Trigueiro, não há restrição de idade para se educar financeiramente, é como começar a praticar uma atividade física, porém, a abordagem tem de estar de acordo com a faixa etária do público-alvo.

“As crianças já têm o privilégio de ter contato com o assunto na escola, desde a inserção do tema de maneira transversal nos conteúdos programáticos do ensino fundamental. Em casa, a partir do momento em que os filhos começam a ter consciência do que é e qual a importância do dinheiro (por volta dos quatro ou cinco anos de idade), pequenas lições de educação financeira já podem ser inseridas no cotidiano da família. Quanto mais cedo a criança for apresentada ao assunto, mais chances ela terá de desenvolver afeição

pelos temas e se tornar um adulto educado financeiramente”, explica o analista.

Baseado neste contexto, o Instituto Sicoob disponibiliza a Coleção Finanças, composta por três livros acerca de poupança, necessidade & desejo de compra e orçamento pessoal, com linguagem leve e didática para as crianças. Todos estão disponíveis no site www.institutosicoob.org.br/colecao-financinhas.

Já os maiorzinhos podem fazer o curso gratuito Se Liga Finanças, para aprender sobre educação financeira, endividamento e investimento. Basta acessar www.online.seligafinancas.com.br.

“Uma pessoa pode ser excelente no hábito de economizar e mesmo assim não saber a maneira adequada de utilizar com eficiência os recursos provenientes de tal hábito.”

Eduardo Souza Trigueiro,
analista de Educação Financeira
do Instituto Sicoob.



Fotos: Divulgação



Fernando Tarcísio Perin

A utilidade do planejamento em época de crise

Fazer boas escolhas financeiras não só transforma nossa relação com o dinheiro, como nos permite conquistar independência e liberdade de escolha, como afirma Fernando Tarcísio Perin, superintendente regional da Scredi Vanguarda no Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. “Deixar de proporcionar esse tipo de aprendizado nas escolas significa restringir todo esse potencial a milhares de brasileiros todos os anos”.

E na crise, será que todo o conhecimento adquirido sobre economizar, investir e fazer escolhas tem alguma utilidade prática? O superintendente da Scredi afirma que sim e explica o porquê. “Saber administrar as finanças faz toda a diferença para qualquer indivíduo e empresa, especialmente em períodos turbulentos, como o que vivemos atualmente. Uma pessoa que mantém um bom planejamento financeiro consegue incorporar à sua rotina bons hábitos e se preparar para enfrentar dificuldades antes mesmo que elas surjam – por exemplo, constituindo uma reserva de emergência que sirva de apoio no caso de perda temporária do emprego e da renda”, exemplifica Tarcísio.

A exemplo de grandes instituições den-

tro e fora do Brasil, a instituição também tem sua contribuição à conscientização da comunidade. O programa Cooperação na Ponta do Lápis é permanente e leva conhecimento e boas práticas para pessoas físicas, microempreendedores, adolescentes e crianças. Baseado na economia comportamental, o programa é desenvolvido com linguagens, conteúdos e formatos adaptados a públicos de diferentes idades e contextos sociais e econômicos.

A reportagem pediu ao superintendente que listasse bons hábitos de uma boa educação financeira. Segundo ele, as práticas a seguir podem ser adotadas de forma simples e sustentável, a longo prazo, por toda pessoa que se disponha a ter uma vida financeira saudável. Confira a lista:

- 1.) Controlar o orçamento e a movimentação financeira, tomando nota de todas as entradas e saídas de dinheiro para evitar um erro muito comum -- o de gastar mais do que se ganha;
- 2.) Fazer um planejamento que preveja prioridades financeiras e ajude a gastar de forma consciente e responsável;
- 3.) Evitar, ao máximo possível, gastos supérfluos e compras por impulso, mantendo um estilo de vida que permi-

ta poupar sempre uma parte da renda. É assim, economizando e investindo, pouco a pouco, que cada pessoa pode conseguir concretizar os planos traçados, além de se preparar para lidar com imprevistos e com situações já sabidas, como uma futura aposentadoria;

4.) Usar o crédito de maneira consciente para conquistar metas específicas, como comprar a casa própria, um carro ou determinado bem, e, em caso de dívidas, buscar renegociar rapidamente para evitar acúmulo de juros e multas;

5.) Adquirir constantemente novos conhecimentos na área de educação financeira, lendo, vendo entrevistas de especialistas e conversando com o gerente e os especialistas da instituição financeira em que tem conta.

O ideal seria que a educação financeira começasse em casa, o que é inviável para muitas famílias do país. Resta torcer para que iniciativas como as do Banco Central e do MEC (Ministério da Educação e Cultura), somadas às da iniciativa privada, reforcem essa disciplina como parte da formação de uma nova geração de brasileiros que aprenda a lidar com as próprias finanças. ■